Quintal dos Ruivos, inverno de mil novecentos e milho verde.

Meu querido Alonso:

Estou com tantas saudades.
Hoje fiz bolo de fubá.
Aquele cheirinho de sábado trouxe-me lembranças de você.
Quando percebi, já estava espiando as fotografias da sua infância e escrevendo as mal ciscadas linhas desta carta.
Ah, meu filho, você nasceu ruivo igualzinho ao papai e à mamãe, mas não sei de quem herdou a testa franzida e cara amarrada.
Não importa!
Você é lindo e pintoso desde que nasceu.
Nunca vou me esquecer daquela vez em que pedi ajuda para plantar e colher o trigo...
O gato, o cachorro, o porco e o pato inventaram um milhão de desculpas para escapar do trabalho.
Você, seus irmãos e eu fizemos tudo sozinhos!
Mesmo depois do trigo colhido, eles não quiseram ajudar a fazer o pãozinho e as outras guloseimas.
Mas, na hora de comer, tiveram a audácia de aparecer.
Você ficou com tanta raiva, que chegou a piar, arrepiar, rodopiar!
Tivemos muitas conversas sobre esse acontecimento.
Será que você aprendeu que não vale a pena guardar mágoas e ressentimentos?

Houve uma época em que você não queria ir para a escola nos dias em que havia aula de futebol.
Nenhum time o escolhia, pois reclamavam que você raramente acertava a bola. Quando acertava, era uma "bicuda" que fazia a pelota voar lá para o quintal da Dona Cochinchina, bem longe do campinho.

Ela ficava uma arara!

Seus colegas estremeciam:

– Estamos fritos!

Mas Dona Cochinchina sempre devolvia a bola, porque gostava de você.

O Professor Geraldino Cascadura, tentando ajudar, escalava você como goleiro.

Que péssima ideia! Até parece que ele tinha titica na cabeça!

Era um festival de boladas na sua cara.

O zunzunzum entre os jogadores era cruel:

– Frangueiro!

– Asa furada!

Você ficava com tanta raiva, que saía dando chutes e socos pelo ar.

Até que, em um dia, sem querer, acertou um pontapé na trave e lascou a unha.

Nesse mesmo dia, você chegou em casa chorando e dizendo que jogar futebol era muito difícil, pois sempre vinham três bolas em sua direção e era quase impossível escolher a certa para chutar ou segurar.

Na hora, desconfiei de que poderia ser um pequeno problema em sua visão.

Voamos para o consultório do Doutor Garnizé Sabugo, que rapidamente receitou o uso de óculos. Era miopia!

Pronto! Você passou a ser um jogador tão faceiro, que até firulas com a bola aprendeu a fazer.

– Olé!

Você não gostava nadinha quando chegavam os dias de ir ao salão do Senhor Peru K. Penteado.

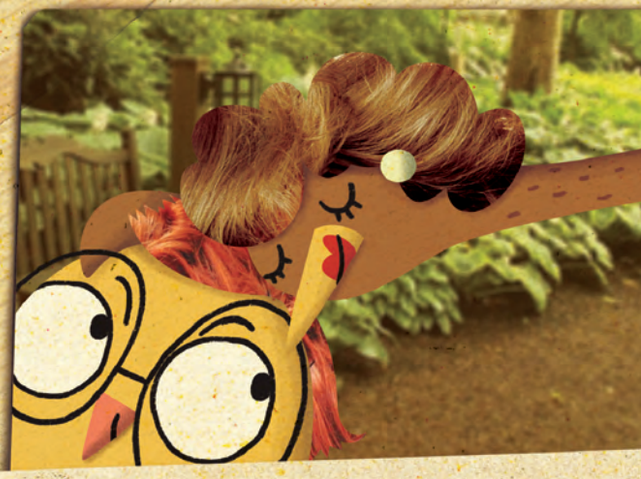
Eu adorava este corte: penugens arrepiadas e franjinha.

Você ficava com tanta raiva, que quase tinha um siricutico!

Esbravejava que não queria virar um Galo Caipira nem cantarolar cocoricós sertanejos.

Mamãe era tão ingênua! Achava que aquele visual estava na crista da onda!

Para completar, eu adorava vesti-lo com um pulôver de gola alta, mas você ficava ainda mais nervosinho, reclamando que aquilo coçava e penicava.



E quando suas tias Carijós vinham nos visitar e mexiam no seu penteado?
Elas apertavam seu bico dizendo apelidinhos:
– Que pomposo! – elogiava uma.
– Que garboso! – cacarejava a outra.
E não paravam mais:
– Esse rapazinho não pia? Será que precisa de terapia? – futricava uma.
– O gato comeu a língua? – papagaiava a outra.
Você não respondia a nada. Nem um pio!
Mas ficava com tanta raiva, que saía correndo e se escondia embaixo da mesa.
E, de lá, bem baixinho, apenas piava e espiava.
Hoje, consigo compreender você.
Quando suas tias aparecem por aqui, às vezes, até eu tenho vontade de me esconder embaixo da mesa.
Segredinho nosso, tá bom?